

FRADIQUE E SEUS DESCENDENTES: ESBOÇO DE UM PERCURSO

Paulo Motta OLIVEIRA*

■ **RESUMO:** Há personagens que sobrevivem a seus autores, e trabalhados por outras mãos, vão ganhando novas vidas. Um excelente *exemplo* é Edmond Dantès. O protagonista de *O conde de Monte Cristo* será inicialmente *apropriado* por Alfredo Hogan em *A mão do finado* (1853) e depois seguirá aparecendo em outras obras, lançadas nos últimos 170 anos. O mesmo ocorreu com Fradique Mendes, por mais que o seu caso seja mais complexo. Quando irrompe em 1900 na *Correspondência de Fradique Mendes* (Eça de Queirós, 1997), já tinha uma vida anterior: havia **publicado poemas** em *A Revolução de setembro* e *O primeiro de janeiro* e, em 1870, ressurgido, rapidamente, em *O mistério da estrada de Sintra* (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, 1997). Mesmo após a morte do **organizador** de sua correspondência, ele continuará vivendo. Aparecerá, entre outras obras, em *O único filho de Fradique Mendes* (Perry Vidal, 1950), e, mais recentemente, em *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós* (José António Marcos, 1996), *Nação crioula* (José Eduardo Agualusa, 1997), *Os esquemas de Fradique* (João Venâncio, 1999), *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (José Pedro Fernandes, 2002) e *Eça de Queirós, segundo Fradique Mendes* (Sónia Louro, 2018). O objetivo de nosso texto é tratar da primeira obra em que é feita referência a um descendente de Fradique, a carta política de 22 de março de 1909, escrita por João Chagas e dirigida a Fradique Filho, para depois tecer considerações sobre três romances em que Fradique também teve descendentes.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Carlos Fradique Mendes. Eça de Queirós. Perry Vidal. José Eduardo Agualusa. Fernando Venâncio

Introdução

Tanto Pedro da Silveira (1973) como Joel Serrão (1985) consideram que o Fradique Mendes que publicou, em 1869, alguns poemas em *A Revolução de Setembro* e em *O primeiro de Janeiro* pode ser considerado um heterônimo. Com

* USP - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo – SP – Brasil. 03178-200 – pmotta@usp.br

muito mais razão, penso, isso seria válido para esse outro Fradique que teve, após ter aparecido de forma rápida em *O mistério da estrada de Sintra* (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, 1997), suas memórias escritas e parte de sua correspondência publicada por, aceitemos o jogo, seu dileto amigo, Eça de Queirós. Afinal, se do primeiro tínhamos apenas alguns poemas e breves indicações biográficas, deste outro temos uma biografia bastante mais detalhada e um conjunto de cartas.

São, por sinal, várias as formas como o narrador do livro, que se assume como Eça, utiliza para simular a *real existência* de Fradique. Uma das mais frequentes é o uso do **testemunho** de seus amigos e contemporâneos. Por exemplo, após afirmar que os autor das *Lapidárias* “do outono de 1875 ao verão de 1876” travou contato, em Lisboa, com “alguns dos meus camaradas” (Eça de Queirós, 1997, vol.2, p.83), o memorialista passará a se referir a opiniões desses sobre Fradique, incluindo a **transcrição** de cartas de Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Em outro segmento do livro – aquele em que são discutidas as características da suposta obra que teria sido escrita por Fradique, e que faria parte dos papéis que ele legou a Madame Lobrinska – serão expressas, entre outras, as *opiniões* de J. Teixeira de Azevedo, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.

Além destes aspectos, é importante salientar que um outro **pai** do primeiro Fradique aparece, nesse livro de Eça, de forma especial. Alguns aspectos da história do **biografado** - o fato de pertencer “a uma velha e rica família dos Açores” e o de descender “por varonia do navegador D. Lopo Mendes” (Eça de Queirós, 1997, vol.2, p.83) que viveu no século XVI, - aproximam este personagem de Antero. Ele havia declarado, na carta autobiográfica a Wilhelm Stork, que pertencia a “uma das mais antigas famílias” (Antero de Quental, 1974, p.130) dos Açores e era “descendente dos navegadores católicos do século XVI” (Antero de Quental, 1974, p.139).

Certamente, como afirmamos, parece haver a tentativa de construir um Fradique que, de fato, poderia ter existido. Não indicarei aqui aspectos que há muito abordei mostrando que algumas das questões que a produção heteronímica pessoana trará para a crítica literária já aparecem com este personagem (Cf. Paulo Motta Oliveira, 2004). Mas, penso, diferentemente dos heterônimos de Pessoa, Fradique será, mesmo em *A Correspondência*, construído como um heterônimo coletivo. Além do que já apontei, é interessante pensar que os membros da geração de 70 são os únicos personagens **reais** a que o autor das *Lapidárias* envia missivas publicadas na versão original da *Correspondência*: além das dirigidas a Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro, nas “memórias” o narrador citará um longo trecho de uma carta de Fradique a Antero de Quental. A única outra figura histórica a quem o autor das *Lapidárias* dedica uma carta é um outro amigo Eça, Eduardo Prado. Podemos pensar que estes entes históricos também fazem parte do jogo, dando veracidade para a existência concreta de Fradique Mendes.

Penso que ele pode ser considerado não apenas como um heterônimo, mas como o símbolo de uma geração.

Certamente há uma significativa distância entre a envergadura do Fradique das “Memórias” e o que é apresentado nas cartas, nas quais, entre outros aspectos, usa a sua grande inteligência para seduzir, conquistar e depois se descartar de Clara, sem que falte nesse episódio doses de cinismo e de hipocrisia.

Talvez essa distância entre o Fradique das “Memórias” e o das “Cartas” possa simbolizar justamente o imenso abismo que separou o que essa geração, a de 70, esperava ser, como mostram a “questão Coimbrã” e as *Conferências do Casino*, daquilo em que, por fim, se transformou. Fradique talvez seja o símbolo desses intelectuais que se reuniam para almoços e jantares e que, mesmo sendo individualmente vencedores, se consideravam, com razão, **os vencidos da vida**.

Fradique será recuperado e reconstruído por inúmeras outras mãos. Até a década de cinquenta do século passado podemos citar três obras: a carta política de 22 de março de 1909, escrita por João Chagas, dirigida a Fradique Filho; o artigo “O espólio de Fradique” de Antônio Sardinha, publicado no *In Memoriam* de Eça de Queirós, organizado por Eloy do Amaral e por Cardoso Martha, e lançado em 1922 e o livro *O único filho de Fradique Mendes*, lançado em 1950, de Frederico de Sá Perry Vidal. Na última década do século passado o personagem será de novo retomado, primeiro em *O mistério das cartas inéditas de Eça de Queirós* de 1996, livro pretensamente escrito por José Antônio Marcos, de fato um pseudônimo, como indica Fernando Venâncio (2002, p.160), utilizado pelos dois autores que teceram a obra, Antônio Pereira Monteiro Fernandes e José Pedro Fernandes; depois em *Nação crioula* de José Eduardo Agualusa, publicado em 1997; e, por fim, em *Os esquemas de Fradique* de João Venâncio, de 1999. Em nosso século dois outros romances apareceram, retomando o personagem, *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes*, lançado em 2002 e escrito por um dos autores do referido livro de 1996, José Pedro Fernandes, e, por fim, *Eça de Queirós, segundo Fradique Mendes* de Sônia Louro, publicado em 2018.

É impossível tratar de todas estas obras no espaço que aqui disponho. Optei, assim, por fazer um recorte, motivado por algumas continuações da vida de um outro personagem, Edmund Dantès, o conde de Monte Cristo, com que também trabalho. Uma das formas recorrentes de retomar este personagem de Dumas é o de se referir à sua descendência, como ocorreu com *O filho de Monte Cristo* de Jules Lermina, livro que teve inúmeras continuações. Resolvi, assim, tratar das obras que fazem referências a descendentes de Fradique, retomando e desenvolvendo alguns aspectos da comunicação que apresentei no último encontro do *Grupo Eça*, que ocorreu no primeiro semestre de 2023 na Università degli Studi Internazionali di Roma.

Fradique e seus descendentes

Começamos pela carta de João Chagas, de 22 de março de 1909, dirigida a “Fradique Filho, que, de Paris, pergunta quando acaba isto”. O “isto”, atrás referido, é a monarquia. As referências ao destinatário da missiva são mínimas. Além das apontadas no título, quase no início do texto é afirmado: “Valha-o Deus Fradique e como v. é bem lusitano! Agora todo o seu esforço patriótico consiste em esperar que a minha profecia [a de que a monarquia cairia em 1909] se realize” (João Chagas, 1909, p.242). Este trecho, e outras breves indicações, mostram que Fradique Filho era republicano. A única referência mais pessoal ocorre quando é dito que Fradique poderia adotar “a nacionalidade do seu nascimento e [tornar-se] egípcio, porque creio v. é do Cairo” (João Chagas, 1909, p.242) De fato o pretenso receptor da carta é apenas uma estratégia utilizada pelo autor para construir o seu discurso.

Será mais de quatro décadas depois que Fradique terá um filho com mais consistência, Carlos Fradique Patendorff Mendes, que nos será apresentado em *O único filho de Fradique Mendes* de Perry Vidal. Trata-se de um pequeno livro, redigido em 1948, quando o seu autor tinha 15 anos. O romance é prefaciado por João Ameal, historiador ligado ao salazarismo¹.

É um livro quase ignorado pela crítica, só encontrei um texto crítico sobre ele, a dissertação de Eduardo Gonzales Moreira, defendida em 2012, a que retornarei algumas vezes.

O romance começa com uma referência ao autor da *Correspondência*:

Eça de Queirós, no seu gabinete de trabalho em Lisboa, acaba de receber um maço de correspondência e a primeira carta que lhe vem às mãos é oriunda de Paris. Abre-a. Um dos principais advogados da Capital (...), comunica-lhe que Vária Patendorff Lobrinska (...) falecera havia tempos (...) e instituíra herdeiro universal (...) a seu único filho e que o era também de Carlos Fradique Mendes; esse rapaz estava acabando os seus estudos em Inglaterra quando da morte de sua mãe e encontrava-se naquele momento a caminho de Portugal, já na posse da sua imensa fortuna (...). Pedia ele portanto a Eça de Queirós que conduzisse o jovem nos primeiros passos da sua vida de homem, passos que Fradique quisera, em respeito à memória paterna, dar no país que fora berço de seu pai. (Perry Vidal, 1950, p.19-20).

Eça vai visitá-lo, e, como indica Eduardo Moreira

¹ Ver, entre outras obras, a dissertação de Antonieta Maria da Silva Pinto, *João Ameal o historiador do Regime*.

O Príncipe de Palidoff antes mesmo de aparecer (mesmo só no âmbito da especulação) causa em Eça deslumbramento, até mesmo pelos aposentos; mesma sensação que o inesquecível Fradique causava neste homem. (...) Assim como o pai, o Senhor de Palidoff, sentado a uma chaise, lia o Times. E também tinha um mordomo que parecia de confiança. As peças desse jogo parecem ser as mesmas, somente colocadas em um tabuleiro em outras disposições. (Eduardo Gonzales Moreira, 2012, p.84-85).

Como aponta o mesmo crítico, não existem apenas semelhanças entre o pai e o filho:

(...) há um processo em sentido contrário de descobertas. (...) levando em consideração que o ponto original seria Lisboa, o pai faz uma trajetória de dentro para fora, e nela muitas vezes nega sua terra, e a critica de maneira feroz. Já o filho parece seguir uma trajetória contrária: faz um caminho de fora pra dentro. Vem da Rússia e da Inglaterra (onde conclui seus estudos) e começa a conhecer aquele ponto original. (Eduardo Gonzales Moreira, 2012, p.85-86).²

De fato há uma tentativa de *aportuguesamento* deste novo Fradique: ele visita o norte do país, vai estudar em Coimbra, adota a nacionalidade portuguesa e torna-se diplomata. Ele e Eça se escrevem com frequência até a morte do escritor português. Fradique começa a sua carreira diplomática no Rio de Janeiro, onde fica por quatro anos, período em que convive com intelectuais, como Afrânio Peixoto e Olavo Bilac. Mesmo sendo, como indica o narrador, um “miguelista fiel, continuador de seu pai, que trabalhara por uma monarquia tradicionalista portuguesa” (Perry Vidal, 1950, p.43), e que “amava o Portugal de 1140 e de 1640; mas (...), como seu pai, não defendia e não acatava o Portugal de 1820” (Perry Vidal, 1950, p.41), continuou a sua carreira de “diplomata tradicionalista de uma monarquia constitucional” (Perry Vidal, 1950, p.41) e “percorreu (...) várias legações, esteve na Santa Sé e em Haia, em Londres e em Madrid, em Paris e no Quirinal” (Perry Vidal, 1950, p.49). Tudo, porém, se modifica, quando é proclamada a República. Estava, então, em Berlim. “abandonou a Legação e. veio a Portugal onde, analisando sábia e vivamente a situação, desprezou a sua carreira (...) Era um monárquico verdadeiro e como tal não queria servir uma república inculta, desacreditada pelas nações e governada nem se sabia por quem.” (Perry Vidal, 1950, p.51).

No livro vemos os anos passarem sem que haja, efetivamente, uma narrativa consistente ou ações importantes. Trata-se, sem dúvida, de obra de um escritor

² Concordo com a ideia de **sentido contrário**, mas penso que não podemos esquecer que o **ponto inicial** de Fradique são os Açores, e não Lisboa. Este arquipélago não é referido no livro de Perry Vidal.

ainda incipiente. O aspecto que mais chama atenção na narrativa é a transformação da imagem de Carlos Fradique Mendes. Já vimos que o filho considerava que seu pai fora, como ele, um tradicionalista conservador. Em outro momento do livro ele irá ainda mais longe. Ele havia herdado de sua mãe o famoso cofre onde estavam os papéis de seu pai. Prometera à mãe jamais mostrar os documentos, mas em um momento em que Antônio Sardinha lhe pergunta sobre o conteúdo, ele afirma: “Tu (...) acertaste ao chamar a meu Pai, que Deus guarde, mestre da Contrarrevolução!” (Perry Vidal, 1950, p.65).

O filho de Fradique faz aqui referência ao texto “O espólio de Fradique” que Sardinha havia publicado em 1922, no *Eça de Queirós In Memoriam*, em que ele havia feito esta afirmação. É por sinal notável, no livro, a presença de várias figuras históricas ligadas ao integralismo lusitano que frequentam a casa de Palidoff. Sem sermos exaustivos podemos citar João Ameal, Almeida Braga, Alberto Monsaraz, o Duque de Lafões e Alfredo Pimenta.

Parece-me que, mesmo ainda muito jovem, Perry Vidal já possuía uma posição política clara. Durante toda a sua vida estará ligado à extrema direita. Foi, por exemplo, repórter do jornal *Catolicismo*, publicado no Brasil, que tinha como editor Plínio Corrêa de Oliveira, fundador da TFP - Tradição, Família e Propriedade.

O livro termina com a morte de seu protagonista. Carlos Fradique morre em 2 de novembro de 1940. Quando falece “o cofre do século XV, a ‘Vala Comum’ paterna, estava vazia; um criado disse que o vira, na véspera, com o cofre espanhol do século XV, a queimar o seu recheio. (...) fora fiel ao juramento prestado a sua mãe e, pelo que se vê, pressentiu o fim” (Perry Vidal, 1950, p.92).

Mesmo com os problemas que o livro apresenta, julgo que ele é importante pois será a primeira obra que dará uma nova existência a Fradique, que, mesmo não sendo um personagem, terá a sua vida ressignificada pelo olhar de seu pretense **único** filho. **Pretense**, pois mais de quarenta anos depois, em 1997, em *Nação Crioula*, Fradique conhecerá Ana Olímpia e com ela terá uma filha, Sophia. Esta pequena família será aumentada dois anos depois. Em *Os esquemas de Fradique* conheceremos os netos do nosso personagem. Saberemos, então, que Carlos Fradique Patendorff Mendes havia sido amante da poetisa Joana Múrcia e com ela tivera uma filha, Leonor. Reproduzo a forma como o narrador deste romance, Martinho, se refere à ausência deste episódio no livro de Perry Vidal:

Eu bem sei. Frederico Vidal redige *O único filho de Fradique Mendes* com a inacreditável idade de 15 anos, e vê-o publicado, em 1950, em Lisboa, aos dezesseis. O ambiente familiar é claramente conservador, e os conservadores, diz-se, são castos. O que de modo algum justifica, mesmo que explique, o silenciamento de factos, vamos lá, importantes. (Fernando Venâncio, 1999, p.85).

Joana Múrcia acaba indo, em 1925 para a América do Sul, talvez com um “gigolô, a quem perdidamente se apegara” (Fernando Venâncio, 1999, p.86), deixando Leonor, com quatro anos, com o seu pai, que “desde o desaparecimento da poetisa” a tinha “mantido nas Doroteias” (Fernando Venâncio, 1999, p.81-92)

Por outro lado Sophia, a filha de Fradique e Ana Olímpia, conhecerá em Lisboa, graças às filhas de Jaime Batalha Reis, o Dr. Dinis Rolo, com quem se casará. O único filho do casal, Cristiano Fradique Rolo, nascerá em Paris, “no palácio de Varennes”, que fora de seu avô.

Será sobre estes dois livros, de Agualusa e Venâncio, que agora refletiremos, mesmo que de forma breve.

Nação crioula é, de todos os textos que aqui referimos, não só o mais conhecido, mas também aquele que tem a maior fortuna crítica. Como sabemos o livro é composto por 26 cartas. Vinte e cinco delas foram escritas por Fradique, enviadas da África, do Brasil, de Portugal e de Paris, no período que vai de maio de 1868 a outubro de 1888. Os destinatários das missivas são três: Madame Jouarre (10 delas), Ana Olímpia (9) e Eça de Queirós, (6). A última carta, datada de agosto de 1900, é de Ana Olímpia, enviada de Luanda para Eça de Queirós. Nela a mãe de Sophia faz as seguintes considerações sobre o motivo de estar, naquele momento, enviando algumas cartas de Fradique:

Fradique não nos pertence, a nos que o amamos, da mesma forma que o céu não pertence às aves. As suas cartas podem ser lidas como os capítulos de um inesgotável romance, ou de vários romances, e, nessa perspectiva, são pertença da humanidade. Aquelas que agora lhe envio, recolhidas entre as muitas que Fradique me escreveu ao longo de vinte anos (e as quais junto outras dirigidas a Madame de Jouarre e que ela recentemente me ofereceu)³, contam uma história que talvez a si, e aos leitores europeus, pareça m tanto extraordinária. Não é a história da minha vida. É a história da minha vida contada por Fradique Mendes. Conseguirá V. compreender a diferença? (José Eduardo Agualusa, 1998, p.138)

Estas considerações fornecem algumas pistas importantes. De início podemos supor que Agualusa se apropria de Fradique pois, afinal, ele é um **inesgotável**

³ Isabel Pires de Lima, ao analisar este romance, afirmou: “Esta última carta, datada de agosto de 1900, já não encontrou Eça vivo, daí que estas cartas secretas apareçam agora publicadas por um tal Agualusa, sem que o leitor seja informado sobre o modo como ele alcançou esta ‘correspondência secreta’ O mistério sempre envolveu Fradique e quem o cerca... ”. (2019, p.105).

A partir da declaração de Ana Olímpia penso que um outro mistério se soma ao já apontado: como as seis cartas de Fradique para Eça de Queirós, presentes no livro, poderiam estar em sua propriedade? E por que ela, na sua missiva, não faz referência a elas?

romance e sua história deveria pertencer não a um escritor específico, mas à humanidade. Ela poderia, assim, ser contada a partir de diferentes perspectivas. Partindo desta hipótese, podemos considerar que mais do que a vida de Ana Olímpia **contada por Fradique**, o que temos no romance de Agualusa é a própria história de Fradique, recontada por outras mãos.

Em relação a este aspecto, Fernando Venâncio (2002), em “Efabulações Fradiquianas”, nota que “José Eduardo Agualusa (...) escreve (...) o livro que Carlos Fradique Mendes decidira que jamais escreveria, (...) a descrição da sua viagem à África Austral” (p.162)⁴. O crítico também indica que, seja na África, seja no Brasil, “As múltiplas andanças de Fradique são postas contra o pano de fundo do final da escravatura” (p.162).

A presença da escravatura efetua uma modificação importante nas características de Fradique, que o afasta do queirosiano, e por outro lado acaba por ligá-lo a uma tradição a que ele não pertencia.

Em relação ao primeiro aspecto, na carta que este havia escrito a Eduardo Prado são feitas várias considerações sobre o Brasil. O centro de sua crítica reflexão é a forma como o país deveria criar uma civilização sua, sem tentar copiar a Europa:

Nos começos do século, há uns 55 anos, os Brasileiros, livres dos seus dois males de mocidade, o ouro e o regime colonial, tiveram um momento único, e de maravilhosa promessa. Povo curado, livre, forte, de novo em pleno viço, com tudo por criar no seu solo esplêndido (..)

Tudo em redor dele, (...) indicava ao Brasileiro que ele devia ser um povo rural. (...) o que eu queria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, ideias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmônica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu queria (...) era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo pacote e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongênere, que lhe faz ressaltar mais o bolor e as nódoas. (Eça de Queirós, 1997, v.2, p.200)⁵

⁴ Na *Correspondência de Fradique Mendes* quando autor das memórias pergunta “Fradique! por que não escreve você toda essa sua viagem à África?”, este lhe responde: “Para quê?. . . Não vi nada na África, que os outros não tivessem já visto. (...) Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens” (Eça de Queirós, 1997, v.2, p.111-112).

⁵ Analisei esta carta de forma mais detida em Paulo Motta Oliveira, 2023.

O Fradique da *Correspondência* apresenta um Brasil em que **não existem escravos**. Como notei em outro momento, este “personagem, que deveria ter aqui vindo, não percebe o que, para qualquer brasileiro do século XIX, era evidente: a presença dos escravos na vida social tanto do mundo rural quanto do citadino e mesmo na aparentemente *européia* corte do Rio de Janeiro.” (Paulo Motta Oliveira, 2023, p.167)

No livro de Agualusa, Fradique tem plena consciência desta situação, como mostra o irônico trecho de uma carta que escreveu em março de 1877 para Eça de Queirós:

O ofício de carregador é aliás o mais comum entre os chamados escravos-deganho. São estes que carregam as cadeirinhas, as mercadorias, a pedra para as construções. Enfim, do norte ao sul, ou, como aqui se diz, do Oiapoque ao Chui, os negros carregam o Brasil. Nas cidades nada se move sem eles, nada se faz ou constrói, e nos campos coisa alguma se cultiva sem a sua força. Vi, inclusive, um jovem cavalheiro atravessar a rua para comprar um repolho no mercado em frente, e voltar depois, muito esticado, muito digno, seguido de um enorme negro com o seu cesto de verga à cabeça, e dentro dele... o repolho! (José Eduardo Agualusa, 1998, p.90)

Não só tem consciência, mas, também, toma atitudes contra esta situação, como afirma na carta seguinte, de maio do mesmo ano, que escreve ao autor de *Os Maias*.

Houve a semana passada grande festa na minha propriedade. Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores do engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora, que trouxe a São Francisco do Conde algumas das maiores figuras do crescente movimento social contra a escravatura. Os trabalhadores optaram, na sua maioria, por permanecer ao meu serviço, pagando-lhes eu o mesmo que nas províncias do Sul se paga aos colonos europeus, e responsabilizando-me pela saúde de todos e a educação dos filhos. (José Eduardo Agualusa, 1998, p.95)

Esta atitude de Fradique acaba por aproximá-lo de outros personagens de romances oitocentistas que veem a libertação de escravos como uma estratégia possível enquanto a abolição não acontecia. Dois bons exemplos são João José Dias, de *O que fazem mulheres* e Constantino de Abreu e Lima, de *Vingança*, ambos romances de Camilo Castelo Branco. O primeiro destes personagens “Nunca teve escravos, comprados ou alugados: remiu alguns na decrepitude, e deu-lhes uma cama onde o último instante da vida lhes fosse o primeiro de bem-estar” (Camilo Castelo Branco, 1983, p. 1258), enquanto o segundo gastou quase toda a herança

que recebeu de um falecido sócio “comprando escravos para a liberdade: aos velhos dava imediatamente carta de alforria, às crianças educava-as, e dotava-as com terras incultas, ensinando-as a cultivarem-nas. (Camilo Castelo Branco, 1983, p. 1139).⁶ Ainda mais próxima da atitude de Fradique é a que havia adotado Álvaro, de *A escrava Isaura*:

Tinha ódio a todos os privilégios e distinções sociais (...).

Com tais ideias Álvaro não podia deixar de ser abolicionista exaltado, e não o era só em palavras. Consistindo em escravos uma não pequena porção da herança de seus pais, tratou logo de emancipá-los todos. Como porém Álvaro tinha um espírito nimamente filantrópico, conhecendo quanto é perigoso passar bruscamente do estado de absoluta submissão para o gozo da plena liberdade, organizou para os seus libertos em uma de suas fazendas uma espécie de colônia, cuja direção confiou a um probo e zeloso administrador. Desta medida podiam resultar grandes vantagens para os libertos, para a sociedade, e para o próprio Álvaro. A fazenda lhes era dada para cultivar, a título de arrendamento, e eles sujeitando-se a uma espécie de disciplina comum, não só preservavam-se de entregar-se à ociosidade, ao vício e ao crime, tinham segura a subsistência e podiam adquirir algum pecúlio, como também poderiam indenizar a Álvaro do sacrifício, que fizera com a sua emancipação. (Bernardo Guimarães, 1875, p.124-125)

Assim, o dândi de *A correspondência* acaba por adquirir novas características. Na última carta para Eça a que nos referimos, após indicar que numa discussão que tivera com um senhor de engenho, Fradique “irritado com a insolência” proferiu “a máxima que o José do Patrocínio roubou ao velho Proudhom: (...) — A escravidão é um roubo!”. Na mesma carta afirma, com a sua habitual dose de ironia:

Percebi no mesmo instante que acabara de fazer a minha opção de classe (Santo Antero, o nosso querido poeta, gostaria desta expressão). Ou seja, parece-me que encontrei neste país uma nova causa com que entreter o espírito e afastar o ócio.

Despeço-me, que se faz tarde, e parto ao encontro da História e da Revolução!” (José Eduardo Agualusa, 1998, p.138)

Como indica Isabel Pires de Lima (2019), “Fradique é então um homem em busca do seu destino, neste livro também ele feito de procuras identitárias, individuais e colectivas” (p.106), obra em que se entrelaçam as imagens do “Brasil

⁶ Fiz referência a ambos os personagens em “A escravidão africana nos romances de Camilo: algumas pistas” (jan.-jun. 2023).

e, ao fim e ao cabo, [de] Angola e [d]o Portugal modernos – nações crioulas afinal as três” (p.109).

O livro de Venâncio terá outras especificidades.

De início é importante notar que, diferentemente de todos os romances que aqui analisamos, a trama é contemporânea. É indicado que o já referido Cristiano Fradique Rolo nasceu em “21 de dezembro de 1909” (Fernando Venâncio, 1999, p.61) e que, no início da narrativa ele “vai fazer noventa anos” (Fernando Venâncio, 1999, p.33). Assim, os acontecimentos narrados devem ter ocorrido em 1999, mesmo ano da publicação da obra. Além disso, também diferentemente dos outros dois romances, ele é narrado em primeira pessoa por Martinho, um jornalista sem emprego que é contratado por Cristiano para pesquisar sobre o seu avô. Como o narrador indica que “a revolução [dos Cravos] dera-se comigo no berço, (...) eu tinha três meses e meio” (Fernando Venâncio, 1999, p.217), deve ter cerca de 25 anos. Esta hipótese é confirmada por um personagem a que retornaremos, o dr. Godinho, que o vê pesquisando o espólio de Jaime Batalha Reis nos reservados da Biblioteca Nacional, e quando o encontra no café diz que estranhou ver “um moço de vinte e cinco anos” (Fernando Venâncio, 1999, p.154) a estudar esses documentos.

Há, na obra, uma outra característica peculiar. Todas as que analisamos, como também ocorre na *Correspondência organizada* por Eça e no texto de Antônio Sardinha a que fizemos referência, assumem que Fradique é um personagem histórico, ou seja, que de fato teria existido. Na maior parte de *Os esquemas* isto também ocorre. A narrativa, por exemplo, começa com “a primeira página do (...) relatório” (Fernando Venâncio, 1999, p.10) que Martinho havia escrito para Cristiano, em que é narrado um fato real, a chegada de Maria Amélia a Portugal, cena em que, além dela, são citados outros personagens históricos e em que Fradique também aparece:

Foi já no fim daquela ensolarada manhã de Maio que o comboio, trazendo a futura rainha de Portugal, entrou na Pampilhosa. Esperavam-na no cais muito povo, muitos dignitários, e um mocetão alourado, chamado Carlos, que ia ser rei e a queria por mulher. Ela, Maria Amélia, (...) foi a primeira a descer o estribo. (...).

Carlos avançou de braços abertos e não se conteve. Ajustou a si a princesa (...). Não se viam desde há quinze dias (...) E, enquanto as mãos de Maria Amélia já corriam beijadas por pressurosos áulicos, abraçava o príncipe com vigor, mas sem espalhafato, o seu amigo Carlos Fradique Mendes, a quem pedira em Paris que acompanhasse a noiva (...). Mas faltava uma apresentação. E

Fradique chamou a atenção do herdeiro para aquela que o viera acompanhando a ele, Maria Rattazzi. (Fernando Venâncio, 1999, p.9-10)

Outro aspecto que reforça a **existência real** de Fradique é o fato de *Nação Crioula* ser considerado como uma recolha de cartas que de fato existiram. O narrador diz que Cristiano é “neto de um gênio europeu e duma princesa do Congo” (Fernando Venâncio, 1999, p.17), cuja história de amor teria sido descoberta por “José Eduardo Agualusa, que reuniu em *Nação Crioula* umas vinte e cinco cartas de Fradique desconhecidas” (Fernando Venâncio, 1999, p.17). Em outro momento Cristiano afirmarâ: “Claro que esse escritor angolano, esse Angalusa, (...) foi (...) quem andou a investigar mais de perto. De resto, obviamente, fui eu a fornecer-lhe pistas”. (Fernando Venâncio, 1999, p. 34). Indo neste mesmo sentido, ao analisar o relatório de Martinho, Cristiano nota que ele não fez atenção para uma “incompatibilidade de factos”:

Como se explica, pergunta ele, que Eça de Queirós, no exacto início da biografia, faça datar de 1880 (...) o início da intimidade entre eles, quando a correspondência, assídua, que mantiveram durante o ano de 1877, reunida por Agualusa, aponta para um convívio de espírito que já não pode enganar ninguém (Fernando Venâncio, 1999, p. 50)

Se esta é a postura assumida na maior parte do romance, há momentos em que a existência de Fradique é questionada. O momento mais explícito é uma discussão entre Martinho e o primo de sua namorada, Eugênio, quando este afirma: “Sabe que o Fradique não foi inventado pelo Eça de Queirós. (...) Pelo menos só por ele. (...) O que agora se diz (...) é que o inventor do nosso homem foi o Jaime Batalha Reis”(Fernando Venâncio, 1999, p.44-45). Esta afirmação é contestada por Martinho que diz: “Ainda hoje estive com fotografias desse mesmo Fradique Mendes na mão e falei com um neto dele” (Fernando Venâncio, 1999, p.46). Antes da discussão terminar, Eugênio ainda dirá: “Você, Martinho, há-de-ser o único português a ainda acreditar que o Fradique Mendes existiu.”(Fernando Venâncio, 1999, p.46). Esta fala poderia ter por função indicar ao leitor que, no universo paralelo criado no livro, Fradique de fato existiu. Todos os personagens, como Martinho, acreditam na sua concretude, mesmo dois professores universitários, um deles, Baltasar Touriga, responsável pela “edição definitiva da *Correspondência de Fradique Mendes*” (Fernando Venâncio, 1999, p.72).

Mas, ao longo da narrativa, em um momento Martinho julgará a vida de Fradique tão complexa que terá dúvidas sobre a sua real existência. Após as críticas que Cristiano fez ao seu relatório, ele afirma:

O dr. Fradique quer tudo exactinho, tudo a bater certo. E não se pergunta por que me arranjou ele um avô tão fora do comum. Com tanta viagem, tanta amizade e conhecimento, tanta aventura, tanta carta, é um milagre um tipo não lhe perder o rasto. Pior: os rastos são, por vezes, mais do que um. Como se Fradique Mendes tivesse conhecido vidas paralelas. Às vezes, sou franco, fico como o Eugeninho. **A suspeitar que o Fradique não é deste mundo.** (Fernando Venâncio, 1999, p.51. Grifos nossos)

Em um outro momento, quase no fim da narrativa, temos um diálogo bastante dúbio entre o narrador e Baltasar, quando estão a observar através de uma janela o primeiro encontro entre os dois netos de Fradique, que não se conheciam:

Foi Leonor a quem primeiro divisei. (...) De Cristiano viam-se gestos, calmos, como sempre lhos observei. (...) Vimo-los apanharem qualquer coisa. Eram cálices, seriam de Porto, tudo quanto bebessem seria bonito. (...) “Baltasar”, disse eu, assim que reuni os pensamentos, “tu acreditas em fantasmas?” Olhou-me. Não sei se me via. “**Eles existem?**” disse ele. Olhei-o. (...) “Talvez. Aqueles dois, em todo o caso, sabem agora a resposta. Estarão é a perguntar-se se eles próprios existem.” Ajuntei logo: “Olha-os bem. E vamos embora, paizinho, **antes que eles desapareçam**” (Fernando Venâncio, 1999, p.227-228. Grifos nossos)

Não é possível saber se o **eles** da pergunta de Baltasar tem como referente os fantasmas, ou Cristiano e Leonor. Da mesma forma o **antes que eles desapareçam** da fala final de Martinho poderia tanto significar **deixem de existir** ou **saíam do nosso campo de visão**.

Assim, quando a narrativa termina, o leitor fica sem saber com precisão se no mundo construído no livro Fradique, de fato, existiu ou não. Esta dúvida, penso, se conjuga com a intrincada trama policial presente na obra. Ela é bastante complexa, e exigiria, para ser esmiuçada, um espaço que não disponho. Centrarei, assim, a atenção em alguns momentos importantes.

Como já indicamos Martinho foi contratado por Cristiano para pesquisar sobre o seu avô e conheceremos, no livro, a outra descendente de Fradique: Leonor Fradique Mendes. Será ela que entregará a Martinho “um pequeno livro, de aspecto antigo. Era autor um certo Frederico de Sá Perry Vidal. A obrinha chamava-se *O único filho de Fradique Mendes*”. (Fernando Venâncio, 1999, p.81). Como escrevemos, o filho de Fradique fez Leonor, sua filha, ser criada num internato. Não esmiuçaremos aqui a sua atribulada vida.

Cristiano possuía documentos de Fradique que pareciam ser diários escritos na ilha Terceira, e que mostrou a Martinho. Este conta a uma amiga, que por seu turno comenta com Baltasar Touriga, que fica perplexo. Baltasar rouba os documentos e, por segurança, faz cópias que, por seu turno, serão roubadas por Leonor, que as

colocará em um cofre. Podemos ver como, de forma paródica, temos um cofre que contém o espólio de Fradique.

Foi, após ter lido os documentos que, por acaso, Martinho encontra na Biblioteca Nacional o já referido dr. Godinho. Será ele, o primeiro a falar no diálogo abaixo, que dará ao narrador a chave para entender o pretenso diário.

«[Fradique] andou fazendo, parece, uns serviços pala o rei, o Dom Luís. Ou esse Agualusa não falou nisso?» «Serviços, como?»

«Bom, desempenhando-se de certas tarefas. E exactamente em colaboração com o Batalha Reis. Ai não sabia?» Nem a menor ideia, e confessei-lho.

«Ouça», disse ele, «o que se sabe, o que se conseguiu saber, é pouco, mas é o seguinte. O Fradique. .. Mas, atenção, você — Martinho, não é? — o Martinho não vai nunca utilizar estas informações, porque o mais certo é haver alguma especulação no caso, se não mesmo muita. Para mais, o documento que se diz que mostrava tudo isso desapareceu. Passa-se então que o rei encarregou o Fradique Mendes de determinadas missões de observação, bom, chamemos a coisa pelo nome, *espionagem*. Na Europa, que se saiba só na Europa. Mais exactamente na ilha Terceira. (. . .) » «O que se diz à boca pequena, Martinho, é que ele mandava relatórios ao rei, relatórios em código. Coisas inocentes, do tipo hoje fiz isto, ontem fiz aquilo, género diário. (...)» (Fernando Venâncio, 1999, p. 156-157)

Ao analisar estas fotocópias Martinho confirma a hipótese de Godinho. Vejamos uma conversa que ele tem com Leonor:

“O seu avô” (...) trabalhou para um rei português. Dom Luis, evidentemente” (...) “(...) andou reunindo para o rei informações. Nos Açores, para ser exacto”. Ora, precisamente, eu não estava a ser exacto. As informações eram de fato recolhidas nos Açores, mas chegavam de fora. Do Oriente, do Brasil, sobretudo de África. (...) [Leonor fala] “Então (...) era uma espécie de espião, talvez” (Fernando Venâncio, 1999, p.176-177)

Mais tarde, Martinho dirá a Cristiano, “os diários do seu avô são relatórios, escritos em código, que foram sendo enviados, evidentemente passados a limpo, a gente importante do Continente” ((Fernando Venâncio, 1999, p.191). O jornalista descobre, lendo o último documento de Fradique, de 7 de novembro de 1888, que ele estava sendo perseguido. Conclui, assim, que Fradique havia sido assassinado, e supõe que quem elaborou o plano que o matou foi a princesa Ratazzi, também ela uma espiã.

Antes de continuarmos, é importante fazer uma breve referência a esta princesa, cuja presença é uma outra característica peculiar do livro de Venâncio, já que ela normalmente é relacionada a Camilo Castelo Branco. Ela havia publicado em 1879, em França, um livro com o título *Le Portugal a vol d'oiseau*, Neste livro, como indica Alexandre Cabral, ela havia escrito: “*Todos os romances do solitário de São Miguel de Seide contêm infalivelmente um tipo de brasileiro, uma rapariga que se recolhe a um convento, um fidalgo de província e um romântico apaixonado e transparente. É inevitável como a chuva e o bom tempo*” (Alexandre Cabral, 1988, p.678), o que levou o autor de *Anátema* a escrever o folheto *A senhora Ratazzi* em 1880.

Venâncio articula, assim, uma personagem histórica ligada principalmente a Camilo Castelo Branco, com a vida de Fradique. Como este, segundo *A correspondência*, morreu no inverno de 1888, certamente ele poderia ter se encontrado com Maria Leticia Ratazzi quando ela esteve em Portugal. Sophia Rolo tentou se encontrar com ela, pois julgava que fora amiga de seu pai, mas chega a Paris dois anos depois de sua morte.

Se pensarmos nas anotações que fizemos sobre a trama policial deste livro, julgo que o falso diário que era composto por mensagens cifradas para Dom Luís é uma espécie de metáfora da relação que os vários escritores que aqui analisamos possuem com o personagem Fradique. Cada um deles relê, de diferentes formas, o personagem que foi construído até 1900, dando-lhe significados que estariam ocultos nas obras anteriormente realizadas. Um republicano, um escritor ligado à extrema direita que emigrou para o Brasil, um angolano e um português são os responsáveis pelas várias vidas que aqui apresentei. Que depois ainda serão continuadas por outros escritores. O heterônimo coletivo da geração de 70 do século XIX acabou por, no século seguinte, transitar entre diferentes países, ideias políticas e culturas. É um ser que vai ganhando vida própria, sendo moldado por várias mãos, que o vão reelaborando. Assim como Edmond Dantès, estamos diante de um personagem que parece ser imortal. Como de fato o será em *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes*. Mas isto já é assunto para um outro texto.

OLIVEIRA, P.M. Fradique and his descendeants: outline of a course. **Itinerários**, Araraquara, n. 57, p. 233-249, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *There are characters who outlive their authors, and thanks to other hands they gain other lives. An excellent example is Edmond Dantès. The protagonist of The Count of Monte Cristo was initially appropriated by Alfredo Hogan in A mão do finado (1853) and later continued to appear in other works, published in the last century and in*

ours. The same happened with Fradique Mendes, even though his case is more complex. When he appeared in the *Correspondência (Eça de Queirós, 1997)*, he already had a previous life: he had published poems in *A Revolução de setembro* and *O primeiro de janeiro* and appeared, quickly, in *O mistério da estrada de Sintra (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, 1997)*. Even after the organizer of your correspondence dies, he will continue to live. He will appear, among other works, in *O único filho de Fradique Mendes (Perry Vidal, 1950)*, more recently, in *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós (José António Marcos, 1996)*, *Nação crioula (José Eduardo Agualusa, 1997)*, *Os esquemas de Fradique (João Venâncio, 1999)*, *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes (José Pedro Fernandes, 2002)* and *Eça de Queirós, segundo Fradique Mendes (Sónia Louro, 2018)*. The objective of our text is to deal with the first work in which reference is made to a descendant of Fradique, the political letter of March 22, 1909, written by João Chagas and addressed to Fradique Filho, and then to make considerations about three novels in which Fradique also had descendants.

■ **KEYWORDS:** Carlos Fradique Mendes. *Eça de Queirós*. Perry Vidal. José Eduardo Agualusa. Fernando Venâncio.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação crioula**: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

CABRAL, Alexandre. **Dicionário de Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras completas vol. II*. Porto: Lello & Irmão, 1983.

CHAGAS, João. **Carta Política nº. 16**. Lisboa: Oficina Bayard, 1909.

FERNANDES, José Pedro. **Autobiografia de Carlos Fradique Mendes**. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Rio de Janeiro: Garnier, 1975.

LIMA, Isabel Pires de. Pontes queirosianas: Angola, Brasil, Portugal. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). **Ecossistema do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas**. São Paulo: Edições Sesc, 2019. p.85-110.

LOURO, Sónia. **Eça de Queiroz, segundo Fradique Mendes**. Porto Salvo: Saída de Emergência, 2018.

MARCOS, José António. **O Enigma das cartas inéditas de Eça de Queirós**. Lisboa: Cosmos, 1996.

MOREIRA, Eduardo Gonzales. O jogo entre as efabulações fradiquianas. Orientador: Emerson da Cruz Inácio. 171 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Entre continentes e culturas: as travessias de Fradique Mendes In: ABDALA Jr, Benjamim, SCARPELLI, Marli Fantini (orgs.) **Portos flutuantes**: trânsitos ibero-afro-americanos. Cotia: Ateliê, 2004, p. 91-104.

OLIVEIRA, Paulo Motta. De ausências e vestígios: a escravidão nas narrativas queirosianas. SANDMANN, Marcelo, NERY, Antonio Augusto, CARDOSO, Patrícia da Silva (orgs), **Em torno d’Os Maias de Eça de Queirós**.p.166-172.

OLIVEIRA, Paulo Motta. A escravidão africana nos romances de Camilo: algumas pistas. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 15, n. 1, p. 69-87, jan.-jun. 2023

PINTO, Antonieta Maria da Silva. **João Ameal, o historiador do Regime**. Orientador: Luís Reis Torgal. 1993. 136 f. Dissertação. (Mestrado em História Contemporânea de Portugal) – Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 1993.

QUEIRÓS, Eça de. **A Correspondência de Fradique Mendes**. In: QUEIRÓS, Eça de. **Obras completas**. Vol. 2, p. 51-204. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

QUEIRÓS, Eça de, ORTIGÃO, Ramalho. **O mistério da estrada de Sintra**. In: QUEIRÓS, Eça de. **Obras completas**. Vol. 1, p. 1543-1712. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

QUENTAL, Antero de. **Poesia e Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 130-139.

VENÂNCIO, Fernando. **Objectos achados – Ensaios literários**. Porto: Caixotim, 2002.

VENÂNCIO, Fernando. **Os Esquemas de Fradique**. Lisboa: Grifo, 1999.

VIDAL, Perry. **O único filho de Fradique Mendes**. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1950.

SARDINHA, Antônio. O espólio de Fradique. In: AMARAL, Eloy do, MARTHA, Cardoso. **Eça de Queiroz In memoriam**. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1922. p. 334-375.

SERRÃO, Joel. **O Primeiro Fradique**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

SILVEIRA, Pedro da. Prefácio, IN: MENDES, Carlos Fradique. **Versos**. Lisboa: Edições 70, 1973. p. 9-23.

